

*Tudo se ilumina  
para aquêle que  
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos  
e aponta-vos o  
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)  
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. V. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)  
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim  
Rua Guerra Junqueiro, 340 PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A  
Rua da Fábrica, 80  
PÓRTO

# Os sete filhos de Hannah

(LAMENTAÇÃO RECITADA NAS SINAGOGAS DO RITO PORTUGUÊS EM FRANÇA)

A filha do meu povo chora e lamenta-se por causa de Hannah e por causa dos seus sete filhos que foram mortos à sua vista!

A pobre mãe caíu e morreu sôbre os seus filhos!

Êles deviam renegar Adonai e prostrarem-se perante Baal; mas, todos juntos, proclamaram a Unidade e a Onnipotência do Criador do Universo.

— Como, suspirou a mãe, enquanto as lágrimas lhe inundavam o rosto, pode o infiel reinar sôbre a herança de Jacob!

A pobre mãe caíu e morreu sôbre os seus filhos!

O Tirano dirigiu-se primeiramente ao mais novo, nestes têrmos: — Se tu queres adorar esta imagem, eu te saberei dar riquezas e honras!

— Não, não, exclamou o menino, eu não quero abandonar o Deus de nossos Pais, porque só Êle é grande!

Cortaram-lhe a cabeça com uma espada e a mãe beijou o seu cadáver.

A pobre mãe caíu e morreu sôbre os seus filhos!

Ao segundo, êle falou com auto-

ridade: — Prostra-te, disse êle, perante o meu Deus, porque Êle é forte.

— Não, não, exclamou o menino, eu só adorarei o Deus único que está no Céu e que sempre livrou a Nação Santa da mão dos seus opressores! Êle foi morto.

A mãe caíu e morreu sôbre os seus filhos!

Ao terceiro, êle falou assim: — Toma o meu anel e não recuses; faz o que eu quero, para que os príncipes não zombem de mim por causa do meu insucesso e da inanidade do meu juramento.

— Não quero, exclamou o menino; nunca a minha língua prestará homenagem a um ídolo!

A pobre mãe caíu e morreu sôbre os seus filhos!

E uma voz se fêz ouvir do alto do Céu:

— Saüdação a vós, disse ela, saüdação a vós, sete filhos de Hannah! O vosso lugar está preparado no Paraíso, porque vós servistes Deus com amor!

E a feliz mãe, no Paraíso, se alegrou com os seus filhos!

# A FESTA DE HANUKÁ

(EXTRACTO DUMA CONFERÊNCIA)

Instituiu Judah Macabeu a festa de Hanuká, para ser celebrada todos os anos durante oito dias por todo o povo de Israel.

Esta festa tem um carácter eminentemente alegre e consolador. Lembra-nos um passado glorioso, incute em nossos corações idéias viris e generosas, e nos ensina conjuntamente a honrarmos os nossos heróicos antepassados, a conservarmos sempre vivo e inalterável o culto da nossa sagrada pátria, a admirarmos, cheios de amor e gratidão a incansável solicitude com que o nosso Deus nos favorece, e a não deixarmos apagar-se em nós a esperança de melhores dias para a nossa querida nação.

É a 25 de Kislev, em Dezembro, perto do solstício de Inverno, quando os dias vão começar a crescer, e o sol, dilatando a sua curva celeste, não tarda a derramar sobre a terra maior soma de luz e de calor, que os Israelitas celebram a Hanuká, a sua festa das candeias, a sua Restauração.

É também em Dezembro que Portugal, o belo país que habitamos e amamos como uma segunda pátria, festeja a sua libertação do jugo pesado e insuportável de outros Antiocos, não menos tirânicos e implacáveis que o nosso — o jugo dos Filipes.

Pequeno, altivo e indómito como nós, como nós confinado num estreito litoral ao extremo ocidental dum continente e à beira dum vasto mar, Portugal teve, como nós, períodos de glória e decadência, duas reconquistas — sobre os mouros a primeira, a segunda sobre os espanhóis, — uma missão grandiosa, heróis e guerreiros afamados, legisladores e poetas que são o assombro do universo.

Dia a dia desafiado no seu brio pelas sombrias e ameaçadoras ondas no Atlântico, que havia ele de fazer senão aceitar-lhes o repto, arremeter contra elas, vencê-las, avassalá-las, e fazer nelas tamanha brecha, que por ela têm passado desde então, e até ao fim dos séculos hão-de continuar a passar, as froas de toda a terra.

Sorte análoga coube a Israel, Tendo à retaguarda o péso de toda a Ásia; dia a dia assistindo aos embates de cem povos

desenfreados, vendo a terra agitada nas convulsões frenéticas do ódio, da cobiça, da violência, da idolatria e da corrupção, voltou os olhos para o imenso Mediterrâneo, que se estendia aos seus pés, e num grito que atravessou o espaço e cujos ecos ainda hoje se não extinguiram, proclamou a unidade de Deus, a unidade da criação, a unidade da família humana, a unidade da Lei!

Portugal abriu caminho no oceano; Israel, no coração do homem — oceano não menos vasto, profundo e agitado.

Vanguarda do exército da civilização, Portugal, do alto das suas caravelas, e de espada em punho, lá foi oceano fora, ultimar o ciclo das descobertas e fazer entrar na vassalagem da Europa o domínio integral de todo o nosso globo.

Emissário de Deus na terra, Israel também navegando laboriosamente por entre as tumultuosas ondas de perseguição, ora baixando até aos abismos dos cárceres inquisitoriais, ora pousando no alto das fogueiras e dos cadafalsos, lá foi, mar de lágrimas fora, esteiado na sua fé, e arvorando o livro da sua Lei, varrer, à luz dos seus fulgentes raios, as derradeiras sombras do paganismo, manifesto ou disfarçado, — esse fautor de desunião e de discórdia, — e entregar à humanidade, sem distinção de raças nem procedências, as chaves autênticas do reino dos céus!

Israel e Portugal, duas das mais pequenas nações do mundo, foram, são e serão sempre dois grandes povos que bem mereceram da humanidade!

Os Israelitas portugueses são portugueses duplamente ou duplamente Israelitas, e por isso, cabe-lhes duplamente o dever de honrarem, com a sua ilustração e com os seus actos, as duas nobres e beneméritas nações a que se honram de pertencer!

29 de Kislev de 5764

28 de Dezembro de 1913

JOSEPH BENOLIEL.

# DECLARAÇÃO BALFOUR

Enquanto a colonização judaica na Palestina (conhecida por a sua designação hebraica como Yishub) foi gradualmente germinando mesmo sob as mais desvantajosas condições do domínio turco, a erupção da Grande Guerra em 1914 causou à Organização Sionista, com a sua sede central em Berlim, fôsse dispersada e posta fora da acção. A Organização tinha sido seriamente enfraquecida por a desesperação aparente da expectação Sionista na Palestina sob os turcos. Uma oferta para os Sionistas em 1903 por José Chamberlain, como Ministro do Governo Colonial Britânico, de um território na África Oriental Britânica (no Planalto de Guas Ngishu, como vulgarmente é designado por Uganda) para uma colónia autónoma judaica, — indirectamente uma notável façanha Sionista — e sua rejeição por um Congresso Sionista guiou para a formação da Organização Territorial Judaica sob a direcção do literato e protagonista Sionista Israel Zangwill Anglo-Judaico (1864-1926). Seu objectivo foi «alcançar um território com umas bases autónomas para aquêles judeus que não podiam ou não queriam permanecer nas terras nas quais êles já viveram».

A Organização Territorial Judaica, pensou baseada no ideal Sionista da autonomia judaica, ser capaz de captar influentes elementos não-Sionistas mas não foi apesar disso bem sucedida nas suas pesquisas para um conveniente território para a colonização judaica, e em 1918 desistiu da função. Mas enquanto, num lado, a separação de muitos proeminentes Sionistas para aquela rival corporação tinha materialmente enfraquecido a Organização, no outro lado, em consequência disso desenvolveu o bíblico, simpatias pro-judaicas as quais já há séculos se tinha manifestado na Inglaterra puritana.

Foi nos trágicos anos da Grande Guerra que, no meio do trabalho e labuta para o qual os judeus foram sujeitados, não só como vítimas da discriminação mas também como combatentes, um raio de luz de inesperado esplendor luziu sobre êles. Depois de ter consultado tôdas as variantes da opinião judaica e sustentado por os principais Poderes Associados e Aliados, o Governo Britânico declarou-se em favor do estabelecimento na

Palestina dum lar nacional para o povo judeu na seguinte carta que foi dirigida para (o segundo) Lord Rothschild por Arthur James Balfour, o Ministro do Estado dos Negócios Estrangeiros:

MINISTÉRIO DO ESTRANGEIRO

2 de Novembro de 1942

Caro Lord Rothschild:

Tenho muito prazer em transmitir para V. Ex.<sup>a</sup> em nome do Governo de Sua Majestade, a seguinte declaração de simpatia com as aspirações dos Sionistas, a qual tem sido submetida e aprovada por o Conselho de Ministros.

O Governo de Sua Majestade encara favoravelmente o estabelecimento na Palestina dum lar nacional para o povo judaico e usará os seus maiores esforços para facilitar a realização deste objectivo, sendo claramente entendido que nada seria feito que pudesse prejudicar os direitos civis e religiosos das actuais comunidades não-judaicas na Palestina, ou os direitos e estatuto político possuídos por judeus em alguns outros países.

Eu ser-lhe-ia muito grato se levasse esta declaração ao conhecimento da Federação Sionista.

Seu sinceramente

ARTHUR JAMES BALFOUR.

A Declaração Balfour (como esta comunicação chegou a um acôrdo) foi saúdada por os judeus de todo o mundo como um acto de libertação nacional comparável ao decreto de Ciro da Pérsia que precedeu para o estabelecimento da Comunidade Judaica na Judeia depois do Cativoiro da Babilónia. O instinto para a própria conservação evocou entre os judeus de tôdas as terras um sentimento colectivo e coesão que inutilizou-se nas barreiras nacionais e divisões ideológicas, e deu para o ideal Messiânico da Restauração para Sion uma actualidade que cativou as mentalidades judaicas.

Da *History of the Jews*, por PAUL GOODMAN.

Trad. de MIRYAM BARROS BASTO.

## A situação dos judeus

**na Europa ocupada pelos alemães  
merece uma declaração con-  
junta dos governos aliados**

LONDRES, 17 — Eden fazendo na Câmara dos Comuns uma comunicação a respeito das notícias sobre os planos alemães para exterminar os judeus na Europa disse: «Lamento ter de informar a Câmara que recentemente o governo britânico recebeu relatórios de toda a confiança, sobre o tratamento bárbaro e deshumano a que são sujeitos os judeus na Europa ocupada pelos alemães. Recebi especialmente uma nota do governo polaco, que também foi enviada aos governos de outras nações unidas e teve grande publicidade na Imprensa. Portanto, o governo britânico está realizando consultas com os Estados-Únidos, e aproveito esta oportunidade para comunicar à Câmara o texto da declaração publicada hoje em Londres, Moscovo e Washington. Foi chamada a atenção dos governos belga, checoslovaco, grego, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Polónia, Estados-Únidos, Grã-Bretanha, Rússia e Jugoslávia e da Comissão Nacional Francesa para as numerosas notícias recebidas na Europa, que as autoridades alemãs não contentes em negar as pessoas da raça judaica, em todos os territórios sobre os quais se tem aplicado as suas leis bárbaras, os mais elementares direitos de humanidade, estão agora a pôr em prática as muitas vezes repetidas intenções de Hitler de exterminar o povo judeu.

### ○ que se passa na Polónia

Na Europa Oriental os judeus estão vivendo em condições horríveis e de barbárie. Na Polónia, que foi transformada em matadouro nazi, as judiarias, ali estabelecidas pelos invasores alemães são sistematicamente limpas de todos os judeus, excepto um pequeno número de operários especializados, necessários às indústrias de guerra. De nenhum dos que dali têm saído, se tornou a receber notícias. Os válidos são obrigados a trabalhar até morrerem nos campos de trabalhos forçados. Os doentes são abandonados para morrer sem tratamento ou de fome ou deliberadamente mortos em execuções em massa. Estas crueldades infligidas a muitas

centenas de milhares, incluem homens, mulheres e crianças completamente inocentes. Os governos acima referidos e a Comissão Nacional Francesa condenam nos termos mais violentos esta política bestial de exterminação a sangue frio. Declaram que estes acontecimentos apenas podem fortalecer a resolução de todos os povos que amam a liberdade de derrubar o bárbaro sistema hitleriano da Alemanha. Reafirmam a solene resolução de que os responsáveis por estes crimes não escaparão ao castigo e porão em prática todas as medidas necessárias para assegurar este fim.

Depois da declaração de Eden todos os membros da Câmara dos Comuns se puseram em pé em sinal de protesto pelos crimes bárbaros cometidos pelos alemães contra os judeus. — E. T.

### A declaração foi radiodifundida em 23 línguas

LONDRES, 17 — A declaração conjunta dos governos aliados sobre o extermínio dos judeus pelos alemães foi radiodifundida em 23 línguas pelas emissoras de Nova-Iorque e de Londres. — E. T.

GAMBERRA, 17 — O informador oficial do governo australiano manifestou hoje o caloroso apoio da Austrália à declaração das nações unidas contra a campanha anti-judaica que está sendo realizada pelos alemães. — E. T.

OTAVA, 17 — O Primeiro Ministro do Canadá, Mackenzie King, declarou que o governo canadiano sentia-se feliz, associando-se à declaração dos aliados condenando enérgicamente a política nazi de extermínio dos judeus. — E. T.

### Os judeus da Palestina desejam receber os seus irmãos

LONDRES, 17 — A comissão central dos judeus dirigiu um apêlo para que fôsse dado refúgio a todos os seus concidadãos que se encontram sem lar. O apêlo diz: «Permitam, pelo menos, que o meio milhão de judeus que se encontram na Palestina, possa acolher os seus irmãos e irmãs, num território em que se não sintam estrangeiros. — E. T.

De *O Primeiro de Janeiro*, Pôrto, 18 de Dezembro de 1942.

COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS

# Don Yahia Ben-Yahia

(Um dos colaboradores de D. Afonso Henriques)

POR A. C. DE BARROS BASTO

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 101)

A parte cristã de Portugal, legada por Afonso VI, Rei da Galiza, Leão e Castela, a sua filha natural D. Teresa, mulher de Henrique de Borgonha, neto do Rei da França, Roberto — o Excomungado, havia-se tornado num estado independente graças a seu filho D. Afonso Henriques.

D. Afonso I de Portugal havia estabelecido a sua côrte em Coimbra, onde se fôra refugiar Yahia Ben-Yahia, o grande auxiliador de Ibn-Caci, Emir do Algarve.

Quem era este homem?

Yahia Ben-Yahia era um nobre judeu, descendente de Yahia Ben-Yahia, que se havia notabilizado no reinado de Abdallah, filho de Mohamed I, Emir de Córdoba pelas suas qualidades militares, e além disso segundo a tradição, era considerado como oriundo da Casa Real de David, o Rei psalmista. Esta antiga família hebraica usava um braço de armas partido em pala tendo na dextra um leão com um ramo de palmeira numa mão — na sinistra do escudo patenteava uma águia com as garras abertas e afastadas e mostrando a sua cauda entre as garras, aberta como uma flor.

Como poderá haver alguém que estranhe usar este nobre judeu entre os moçulmanos o nome de Mohamed Ibn-Yahia, vou dar alguns exemplos desta duplicação de nomes, um entre os judeus e outro entre os árabes:

O célebre ministro do Rei de Granada, Samuel Ben-Nagrela era chamado pelos árabes Ismael Ibn-Nagrela; o gramático Jonas Marinos entre os árabes era Abulwalid Meruan Ibn-Djanash; Salomão ben Judah Ben-Gabirol, designado pelos escolásticos cristãos da Idade-média por Avicebron ou Avicebrol, era entre os árabes Abu-Ayub Suleiman Ibn-Yahia; o filho de Samuel Ben-Nagrela e que era rabino, era conhecido entre os árabes

pelo nome de Abu Huçain Joseph Ibn-Nagrela; e o célebre poeta Judah Ha-Levy era entre os árabes Abul-Hassan Iehudah Ibn Halevy.

D. Afonso Henriques antevendo no fugitivo um auxiliar precioso para o seu desejo de expansão territorial recebe-o com muito agrado e honra. Ben-Yahia já era conhecido do soberano português porque fôra ele que viera a Coimbra como embaixador de Ibn-Caci pedir a ajuda militar portuguesa para o seu antigo chefe e amigo, o Emir de Mértola.

Entre Ben-Yahia, o audacioso e astuto conquistador do Castelo de Mértola, o mais forte de todo o Algarve e El-Rei D. Afonso se travaram longas conversações de carácter militar sôbre um assunto que preocupava o Rei de Portugal.

Santarém era uma das principais povoações de Belatha e a que mais receio inspirava aos portugueses. Dali saíam a maior parte das algaras, que iam levar a devastação e a morte até aos distritos situados no coração de Portugal. A solidez e o inacessível do Castelo de Santarém, e o grande número de defensores tinham convencido D. Afonso de que os seus recursos militares não eram suficientes para o tomar à escala vista. Depois de muito ter cogitado sôbre a maneira de haver a cidade, se pela força, se por qualquer estratagem, escutando os conselhos e opiniões de Ben-Yahia resolveu finalmente apoderar-se dela durante a noite e com assalto repentino de um modo semelhante ao usado pelo guerreiro judeu no seu assalto a Mértola.

Mem Ramires, um fidalgo da casa do Rei, foi por este instruído do plano e enviado a Santarém, com o fim secreto de estudar atentamente o local e ver por onde seria

mais fácil a escalada. O homem de confiança de D. Afonso Henriques era cauteloso e de viva inteligência e com inteligência e cautela entrou na cidade pretextando negócios, seguindo indicações de Ben-Yahia, tudo analisando e medindo e tudo repetindo a El-Rei quando regressou a Coimbra.

Ficou satisfeito El-Rei D. Afonso com o relato que Mem Ramires lhe fizera da sua missão e resolveu tomar Santarém por escalada, sendo a principal condição para o bom êxito o absoluto segredo. El-Rei nem aos seus mais íntimos comunicou a idéia. Consultou porém o Prior de Santa-Cruz, D. Teotónio, cujo conselho tivera sempre por avisado e cauteloso, o qual não achou irrealizável, embora temerário o empreendimento. Decidiu-se pois a lançar-se na aventureira empresa.

Conferenciou com os cavaleiros Lourenço Viegas, Pero Pais e Gonçalo de Sousa e fê-los cientes da sua resolução, das notícias que recebera e do plano que tinha em mente, recomendando-lhes o máximo sigilo, sob pena de morte.

No dia 10 de Março de 1147 sai de Coimbra D. Afonso acompanhado por 250 dos seus melhores cavaleiros. No dia seguinte manda o judeu Martin Moab com mais dois mensageiros, a Santarém, anunciar aos mouros que findavam as tréguas três dias depois. Desempenharam os mensageiros a sua missão.

Findava o prazo marcado numa sexta-feira, e na noite de sábado, pouco depois da meia-noite os guerreiros portugueses tomam de assalto e por surpresa o forte castelo de Santarém. Nos incidentes do assalto a história regista a acção dum mancebo chamado *Moygem*, nome que parece se tratar dum judeu.

Satisfeito com o grande êxito alcançado, El-Rei D. Afonso não esqueceu os serviços prestados por Ben-Yahia, e para o recompensar, após a tomada de Lisboa, agraciou-o com o senhorio de Unhos, Frielas e Aldeia dos Negros e concedeu-lhe braço de armas representando um campo com uma cabeça de mouro ao centro. Da última povoação doada tomaram os seus descendentes o apelido *Negro*.

D. Yahia Ben-Yahia estabeleceu então a sua casa em território português, sendo o tronco duma família judaica ilustre, que muitos e assinalados serviços prestou a êste país.

Quando em 1148 os almoadas penetraram na Andaluzia e perseguiram os judeus, que se não queriam converter ao islamismo, D. Yahia aproveitou-se do valimento que possuía junto de D. Afonso Henriques para aliviar tanto quanto possível, a sorte dos seus irmãos de fé fugidos. Acolheu com carinho várias famílias judaicas, que vinham refugiar-se em Portugal, ajudando-as a criarem uma nova existência neste país, que também fôra hospitaleiro para êle. D. Afonso Henriques escolheu-o pelas suas altas qualidades para chefe supremo dos judeus portugueses (Rabi-mor), sendo tido em grande estima por todos os israelitas dêste reino.

Voltemos a falar do Ibn-Caci, o ex-amigo de D. Yahia.

Em Junho ou Julho de 1146 o primeiro exército almóada é enviado à Península sob o comando dum homem de confiança do soberano marroquino. Acompanhava a expedição, na qualidade de Alwali do Algarve, Ibn-Caci.

Pouco tempo depois, com a ajuda dêste exército, Ibn-Caci é novamente senhor de Mértola, Silves, etc.

Em 1151, Ibn-Caci, pretendendo sacudir o jugo dos almóadas propõe aliança a Afonso Henriques, que lhe foi funesta.

O historiador árabe Ibn-Alcatib, diz:

— «Ibn-Arrique acolheu bem o seu pedido e mandou-lhe um dos seus cavalos, um escudo e uma lança. Os habitantes de Silves recearam as consequências desta ingêrência e então trataram de se pôrem a coberto duma tal ameaça. Para isso afastaram da cidade seu filho Albuçain Ibn-Amed Ibn-Caci com um pretexto qualquer. Depois um grupo de habitantes de Silves trouxe um homem algemado fingindo que êle tinha sido apanhado a fazer pilhagem. Êles pediram autorização ao capitão da guarda da cidade para entrar, e, enquanto êle ia obter essa licença, um trôço dêles penetrava no castelo e matava Ibn-Caci, e levantando a sua cabeça na ponta duma lança bradou: Eis aqui o Madi dos Nazarenos! Êstes sucessos da morte de Ibn-Caci passaram-se em Jumada 1.º do ano de 546.» (Agosto ou Setembro de 1151).

Em 1151 D. Yahia Ben-Yahia, acompanhando D. Afonso Henriques, numa operação militar para a conquista de Alcácer do Sal, que foi mal sucedida, caiu mortalmente ferido na luta travada entre os mouros de-

# Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 113)

## TÍTULO XCIX

**Do Judeu, ou Mouro, que dorme com alguma Cristã,  
ou do Cristão, que dorme com alguma Moura ou Judia**

Muito convem ao estado do Reino pensar como suas Leis sejam bem guardadas, e ainda escarmentar aqueles, que as sem grande necessidade trespassam, e quebrantam: e muito mais lhe convem trabalhar como sejam bem guardadas as Leis de DEUS, de cuja mão recebeu e mantém o estado Real. E porque por Lei de DEUS é defeso, que nenhum Cristão nom haja ajuntamento com nenhuma Moura, ou Judia, nem alguma Cristã com algum Judeu, ou Moura, por serem gentes de Leis desvairadas, e de tal ajuntamento se poderia ligeiramente seguir coisa de grande desserviço ao Senhor DEUS: Portanto pomos por Lei e mandamos que nenhum Cristão nom haja ajuntamento carnal com alguma Judia, ou Moura, nem Cristã com Mouro, ou Judeu; e que qualquer, que o contrario fizer, *moira* porem.

1.º E isto entendemos quando tal ajuntamento fosse feito por vontade, e *assabendas*; cá se alguma mulher de semelhante condição fosse forçada, nom deveria por isso haver pena, somente haveria a dita pena aquel, que cometesse a dita fôrça: e por semelhante dizemos do que tal pecado fizesse por ignorancia, a saber, nom sabendo, nem havendo justa razão de saber como a outra pessoa era de Lei desvairada; cá em tal caso aquela pessoa, que nom fosse sabedor da condição, e desvairo da outra, nem houvesse alguma razão de o saber, nom mereceria por tal coisa haver pena, e somente deveria ser penada aquela pessoa, que do dito desvairo fosse sabedor, ou houvesse justa razão de o saber, cá se em alguma culpa fôsse de o saber, deveria ser penada, segundo a culpa em que fôsse.

fensores e os assaltantes portuguezes e cruzados ingleses. Morreu heróicamente quem heróicamente viveu.

Um dos seus descendentes, o sábio Joseph filho de David Ben-Yahia, falando desta família, diz:—«Os Bene-Yahia eram uma família santa e real que dominaram em Portugal nas terras de Unhos, Fruelas e Aldeia dos Negros por muitos anos. As suas casas eram cheias de tóda a riqueza, de trigos, de vinhos, mas tudo desprezavam para servirem a Deus.»

## BIBLIOGRAFIA

*Histoire des arabes et des mores d'Espagne* — Louis Viardot.  
— *Les Juifs d'Espagne* — Graetz.

— *Histoire du Peuple Juif* — Max L. Margolis.  
— *Historia de los musulmanes de España* — R. Dozy.  
— *História de Portugal* — Alexandre Herculano.  
— *Historia de la dominación de los arabes en España* — Joseph Conde.  
— *Shelshet Ha-Kabalah* — Guedaliah Ben-Yahia.  
— *Estudios historicos, politicos y literarios sobre los judios de España* — Amador de los Rios.  
— *Jewish Encyclopaedia* — (Ibn-Yaliya).  
— *Cronica dos Bene-Yahia* — Carmoly.  
— *Os judeus em Portugal* — Mendes dos Remedios.  
— *Monarquia Lusitana*.  
— *Os arabes na obra de Alexandre Herculano* — David Lopes.

Visado pela Comissão de Censura

# Comunidade Israelita do Pôrto

(KAHAL KADOSH MEKOR HAIM)

## MAPA DAS RECEITAS E DESPESAS DO ANO DE 1941

RECEITAS		DESPESAS	
<b>Saldo do antecedente :</b>		<b>1.ª Secção — CULTO :</b>	
5.ª Secção — (Hebrah Kadishah) — Repouso Eterno — Fundo do Cemi- tério . . . . .	2.630\$06	Moreh . . . . .	3.600\$00
Fundo geral . . . . .	1.182\$25	Diversas despesas . . . . .	971\$20
Quotizações e donativos . . . . .	2.280\$00	<b>2.ª Secção — INSTRUÇÃO :</b>	
Donativo especial . . . . .	317\$85	Artigos escolares . . . . .	267\$20
Subsídio do Portuguese Maranos Com- mitté de Londres . . . . .	9.950\$00	<b>3.ª Secção — PATRONATO DOS TRA- BALHADORES :</b>	
<b>5.ª Secção — REPOUSO ETERNO :</b>		Assistência a diversos . . . . .	3.728\$25
Donativos . . . . .	316\$00	<b>4.ª Secção — SIGNO VERMELHO :</b>	
Donativos para o Fundo do Cemitério	362\$95	Medicamentos . . . . .	269\$80
Juros líquidos do Fundo do Cemitério	21\$71	<b>5.ª Secção — REPOUSO ETERNO :</b>	
		Mortalha e vestido mortuário de linho	332\$95
		<b>6.ª Secção — AMPARO DOS DESTER- RADOS :</b>	
		Diversas despesas . . . . .	1.174\$90
		<b>Despesas gerais :</b>	
		Água, luz e saneamento . . . . .	723\$80
		Servente e guarda-nocturno . . . . .	754\$00
		Diversas despesas . . . . .	267\$70
		<b>Despesas especiais :</b>	
		Reparações na Sinagoga . . . . .	348\$50
		À Comunidade de Bragança . . . . .	1.507\$80
		À Legião Portuguesa . . . . .	100\$00
			14.046\$10
		Saldo para 1942 (Fundo do Cemi- tério) . . . . .	3.014\$72
	17.060\$82		17.060\$82

Pôrto, 31 de Dezembro de 1941.

O MAHAMAD.